

FERIDAS DE GUERRA EM MOÇAMBIQUE: O FANTÁSTICO E O REAL EM O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO

Daisy Cordeiro dos Santos¹
Valdilene de Assis Ferreira Gondim²

Resumo: Este ensaio, de caráter teórico e crítico, toma como objeto de estudo a obra *O último voo do flamingo*, de autoria do escritor moçambicano Mia Couto, objetivando analisar como o romance, através dos operadores teóricos da escrita fantástica, denuncia as marcas deixadas após anos de guerra em Moçambique, não só nas construções deterioradas por balas e bombas e pelas minas na sua terra, mas também na vida do seu povo. O livro revela as feridas de um país excluído, mas que mantém suas tradições, seus mistérios e a esperança por dias melhores.

Palavras-chave: Literatura. Guerra. Moçambique. Fantástico. Explosões.

Introdução

Este ensaio tem por objetivo apresentar como o romance *O último voo do flamingo*, de Mia Couto, trabalha com o fantástico para retratar Moçambique após vários anos de conflitos que marcaram para sempre o país e a vida dos seus nativos.

A metodologia empregada sustenta-se em uma pesquisa de abordagem teórica, a qual se encontra na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, cujo respaldo teórico provém de pesquisa bibliográfica, tanto no que diz respeito à contextualização do autor e da obra, quanto à construção do tema deste ensaio.

O fantástico, o estranho, o inesperado, estão fortemente presentes na Literatura Africana e de maneira ainda mais marcante na obra de Mia Couto. Nos seus contos e romances, encontramos seres de um mundo paralelo dialogando com

¹Discente do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: daisycordeiro@yahoo.com.br;

²Professora orientadora: Mestre em Letras na área de literatura pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: valdileneassis@hotmail.com

os deste mundo, mortos que visitam seus entes queridos vivos ou narrações tão ricas em fantasias que confundem o leitor quanto à veracidade dos fatos narrados.

As feridas de guerra como pano de fundo em O último voo do flamingo

Em uma Moçambique pós-guerra de Independência, na fictícia vila de Tizangara, soldados das Nações Unidas explodem sem que ninguém saiba como. Um delegado da ONU, Massimo Risi, é enviado para desvendar esse mistério. Para isso, conta com a ajuda do tradutor de Tizangara e narrador da história. O texto é envolto por uma manta de mistério, deixando o leitor intrigado com a trama. Afinal, o que há por trás das enigmáticas explosões dos soldados?

António Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, nasceu em Beira, Moçambique, em 5 de Julho de 1955. Filho de emigrantes portugueses, é professor, biólogo e escritor. Vencedor de diversos prêmios de literatura, entre eles o Prêmio Camões, em 2013, considerado o mais importante em língua portuguesa. Foi ativista de grupos clandestinos que apoiavam a Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO, no período da guerra pela independência. Conhece muito bem a terra, o povo e os conflitos que descreve em seus livros. Suas principais obras são: Terra sonâmbula (1992), Mar me quer (1998), O último voo do flamingo (2000) e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (2002).

A literatura é uma manifestação artística que utiliza como material a linguagem (escrita ou oral). “Na acepção lata, literatura é tudo o que aparece fixado por meio de letras — obras científicas, reportagens, notícias, textos de ‘propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha etc.” (CANDIDO, 1976, p. 09).

De acordo com Wolfgang Iser (2002) o imaginário se constitui pela alusão explícita e auto-desnudada ao real. Ainda segundo Iser, há no texto ficcional muita realidade. As três operações pelas quais um texto fictício torna-se ficcional são: seleção, combinação e auto-desnudamento. A ficção só existe devido ao “contrato” entre autor e leitor pelo ato ou signo ficcional que o teórico alemão denominou discurso encenado. Através desse contrato, o autor sabe que o que escreve não é o “real verificável”, embora seja o verossímil aristotélico, aquilo que “pode vir a ser”; o leitor sabe que o que ele irá ler também não condiz exatamente com a realidade palpável. Desse modo, o texto ficcional não se ocupa com a verdade, mas precisa haver verossimilhança para que a história envolva seus leitores e, como afirma

Antonio Candido, deve passar “a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 1976, p. 55).

“A expressão ‘literatura fantástica’ se refere a uma variedade da literatura ou a um gênero literário”. (TODOROV, 1975, p. 5). O fantástico na literatura ocorre quando se produzem acontecimentos que não podem ser explicados pelas leis do mundo racional, acontecimentos aparentemente sobrenaturais.

O último voo do flamingo é narrado em primeira pessoa, em tom de memórias. O narrador não tem o nome revelado, é identificado como o tradutor de Tizangara. No início do livro, o narrador/tradutor convida os leitores para desvendar o mistério que cerca as explosões dos soldados:

Tudo começou com eles, os capacetes azuis. Explodiram. Sim, é o que aconteceu a esses soldados. Simplesmente, começaram a explodir. Hoje, um. Amanhã, mais outro. Até somarem, todos descontados, a quantia de cinco falecidos. Agora, pergunto: explodiram na inteira realidade? Diz-se em falta de verbo. Por que de um explodido sempre resta alguma sobra de substância. No caso, nem resto, nem fatia. Em feito e desfeito, nunca restou nada de seu original formato. Os soldados da paz morreram? Foram mortos? Deixo-vos na procura da resposta, ao longo destas páginas. (Assinado: o tradutor de Tizangara). (COUTO, 2005, p. 12).

As explosões provocam no leitor uma hesitação não resolvida entre o real e o fantasioso, e essa hesitação, segundo Tzvetan Todorov “é a primeira condição do fantástico.” (TODOROV, 1975, p. 37).

De acordo com Hadassa dos Passos Freire e Renato de Oliveira Dering (2012, p. 106) O último voo do flamingo “é uma narrativa entremeada de ideologia e cultura, e que se utiliza do elemento estranho e das fronteiras de gêneros literários – como o fantástico ou o maravilhoso – para construir a narrativa.” Rico em metáforas como “suas falas tinham o sotaque de nuvem” (COUTO, 2005, p.45), em hipérboles: “só as lágrimas lhe escorriam sem pausa durante a noite. De modo que despertava encharcada em poça da mais pura e destilada água” (COUTO, 2005, p. 47) e em comparações: “a escola foi para mim como um barco: me dava acesso a outros mundos” (COUTO, 2005, p. 48) que também colaboram para o caráter fantástico da história, ilustrando as lembranças do tradutor e os acontecimentos da vila.

Há no texto diversos provérbios, característicos da tradição oral de Moçambique: “é o cão vadio que encontra o velho osso” (COUTO, 2005, p. 149) e “a urina de um homem sempre cai perto dele” (COUTO, 2005, p.165), que de acordo

com Maria Aparecida Santilli (1985, p. 7), “representam a filosofia da nação ou tribo, no que toca a seus costumes e tradições”.

A história se passa anos depois da Guerra de Independência (1961 a 1974) e da Guerra civil moçambicana, mas as marcas ainda estão estampadas em Tizangara: “na fachada havia ainda vestígios dos tiros. Buraco de tiro é como ferrugem: nunca envelhece. Aquelas ocavidades pareciam recém-recentes, até faziam estremecer, tal a impressão que a guerra ainda estivesse na vila” (COUTO, 2005, p. 35-36).

Como afirmam Hadassa dos Passos Freire e Renato de Oliveira Dering (2012, p. 107) a Guerra de Independência e a Guerra civil moçambicana inspiraram a história que Mia Couto traz em O último voo do flamingo:

A obra foi publicada em 2000, como uma espécie de marco dos 25 anos de independência, e o contexto histórico da narrativa é o de guerras civis que ocorreram após a independência política, e que se davam pela luta do poder entre as diversas etnias no país, especificamente entre duas facções partidárias: a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). É importante ressaltar também que o autor da obra, o moçambicano Mia Couto, era militante da FRELIMO, de inspiração marxista-leninista, e participou das lutas pela independência entre 1964 e 1974.

Mesmo após as lutas, os moçambicanos não vivem a liberdade e a paz defendidas pelos líderes da revolução. Com a independência e conquista da presidência pela FRELIMO ainda há conflitos entre este e o RENAMO, que realiza diversos ataques em busca do controle do governo e em outubro de 2013 declarou fim ao tratado de paz assinado em 1992.

Não só Moçambique, mas o continente africano ainda sofre com as intervenções de paz que leva ainda mais conflitos para a terra já tão devastada, como afirma Rita Chaves (2005, p. 247): “na forma da exploração desenfreada ou sob a máscara da cooperação, o continente, via de regra, continua sendo vítima de políticas e acordos que só o vêm afastando da situação de paz necessária a sua recuperação”.

Além das explosões que não deixam vestígios, a não ser o boné azul e o pênis dos soldados, há na vila “explosões verdadeiras, com prova de sangue e de lágrima” (COUTO, 2005, p. 140) causadas por minas, presentes no solo moçambicano como herança das guerras. Uma delas causou a morte do moço

tonto, irmão de Temporina, a mulher com corpo de jovem e rosto de idosa: “O moço explodira. Desta vez, porém, era uma explosão real, dessas a que a guerra já antes nos havia habituado. Tão simples quanto cruel: o moço pisara uma mina e as suas pernas se separaram do corpo como um esfarrapado boneco de trapos” (COUTO, 2005, p.143).

Couto (2005) denuncia a corrupção e injustiças marcantes no governo que se instalou pós-independência, como no caso de Sulpício, pai do tradutor, que seguiu a lei prendendo Jonassane, o enteado do administrador Jonas, por caçar elefante fora da época e que a pedido da primeira-dama, Dona Ermelinda, o infrator foi solto e Sulpício preso e torturado. O autor compara os governantes gananciosos de Moçambique a hienas: “já acontecera com outras terras de África. Entregara-se o destino dessas nações a ambiciosos que governam como hienas, pensando em engordar rápido” (COUTO, 2005, p. 216).

Neste diálogo entre o tradutor e sua mãe, que “já há muito passara a fronteira da vida, para além do nunca mais” (COUTO, 2005, p. 115), o tema guerra está presente e demonstra certo pessimismo, como se tempos de paz jamais pudessem chegar à Moçambique e revelam a situação desumana na qual o país se encontra:

- Como é, filho: vive no lugar dos bichos?

Devolvi pergunta com pergunta:

- Há lugar, hoje, que não seja de bichos?

Ela sorriu, triste. Podia ter respondido: há, onde eu venho é lugar de gente. Porém, ela permaneceu calada. Rodou pelos arbustos e desfez folhinhas entre os dedos. Apurava perfumes e levava-os lentamente junto ao rosto. Matava saudades dos cheiros.

- A guerra já chegou outra vez, mãe?

- A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda. (COUTO, 2005, p. 112).

Em O último voo do flamingo, há a mensagem que os moçambicanos não vivem a paz que as intervenções das autoridades e representantes da ONU lhes prometeram, como reflete o narrador: “a guerra o que havia feito de nós? O estranho era eu não ter sido morto em quinze anos de tiroteios e sucumbir agora em meio da paz. Não falecera da doença, morria do remédio?” (COUTO, 2005, p. 111). Os quinze anos aos quais o tradutor se refere, formam o período da guerra civil moçambicana, de 1977 a 1992.

Sobre a colonização, o livro mostra que representou mais que a exploração dos territórios moçambicanos e que a verdadeira independência ainda não foi conquistada, que há ainda consequências desse período de dominação na vida dos homens e mulheres de Moçambique e que a libertação só acontecerá pelas mãos desse povo e não por intermédio governo corrupto ou das Nações Unidas:

Falam muito de colonialismo. Mas isso foi coisa que eu duvido que houvesse. O que fizeram esses brancos foi ocuparem-nos. Não foi só a terra: ocuparam-nos a nós, acamparam no meio das nossas cabeças. Somos madeira que apanhou da chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos que secar à luz de um sol que ainda não há. Esse sol só pode nascer de dentro de nós. (COUTO, 2005, 154).

Couto trata com ironia a visão do não africano de que Moçambique precisa ser salva, que necessita da ingerência das Nações Unidas: “- O senhor não é das Nações Unidas? O senhor que devia nos salvar, senhor Massimo”, (COUTO, 2005, p. 197) diz o padre Muhando quando o italiano, desesperado com os acontecimentos que presencia, pede-lhe ajuda.

Ana Deusqueira, apresentada como “a prostituta da vila, a mais conhecedora dos machos locais” (COUTO, 2005, p. 26) é em diversos momentos o olhar crítico, de bom senso em Tizangara. É dela a observação de quando os representantes da ONU chegam ao lugarejo, que deixou o italiano Massimo Risi sem palavras (e não apenas ocasionado por suas curvas): “Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora, desaparecem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo?” (COUTO, 2005, p. 32). O questionamento de Ana deixa nítido o abandono do país, do continente. Vidas estrangeiras valem mais que as nossas? Parece perguntar a mulher de forte personalidade cuja presença é crucial na história.

Considerações finais

Em O último voo do flamingo, encontramos uma Moçambique ferida, devastada, mas com esperanças que os flamingos tragam o sol de volta. O maravilhoso e o fantástico misturam-se ao real, confundindo-se, para dar uma explicação aos estranhos acontecimentos na vila de Tizangara, numa hesitação

necessária para manter viva a tensão narrativa. Trata-se, portanto, de um texto fictício cuja narrativa é traçada a partir de elementos fantásticos.

Referências

CANDIDO, A. et alii. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: o lugar das diferenças nas identidades em processo. In: _____. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. p. 247-261.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

COUTO, Mia. **Carnation revolution**. Disponível em: <<http://mondediplo.com/2004/04/15mozambique>>. Acesso em 30 nov. 2013.

FREIRE, Hadassa dos Passos; DERING, Renato de Oliveira. Memória discursiva e os jogos de enunciação em O último voo do flamingo, de Mia Couto. In: CUNHA, Bruna et al. (Org.). **Vicissitudes literárias na criação da narrativa e no imaginário ficcional**. São Paulo: Livrobites, 2012. cap. 7, p. 105-119.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da literatura em suas fontes**. vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-985.

MACÊDO, Tania. **Angola e Brasil: estudos comparados**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002. (Via Atlântica, n. 3)

MOÇAMBIQUE: RENAMO anula acordo de paz com Frelimo. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, out. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,mocambique-renamo-anula-acordo-depazcomfrelimo,1088215,0.htm>>. Acesso em 28 nov. 2014.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Fundamentos).

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.